

“O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde: uma poética das relações espacio-temporais no “território vivido”

Mestranda. Sônia Maria de Araújo Cintra (FFLCH-USP)

RESUMO: *O diálogo entre o sujeito lírico e o sujeito observador no poema “O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde, provoca no leitor deslocamentos espácio-temporais possibilitando múltiplos enfoques. Trazendo de volta um passado ou antecipando o futuro, essa poética do percurso tece o presente do autor, no texto, e permite a leitura de seus desdobramentos no “território vivido” e sua conseqüente atualização no mundo de hoje.*

PALAVRAS-CHAVE: espaço, fragmentação, cotidiano, percurso, lugar.

Introdução

Neste poema, o sujeito poético, movido pela angústia, perambula pelas ruas cidade, do anoitecer ao amanhecer do dia seguinte. Em seu percurso aleatório e noite adentro, depara-se com elementos espaciais do seu cotidiano presente (século XIX) os quais atualizam diferentes experiências e acontecimentos do passado, que vão do heroísmo, da esperança, das grandes navegações ao terror da inquisição.

Concebido inicialmente para homenagear Camões, o poema remete, até certo ponto, ao épico e a sua obra *Os Lusíadas*, num contexto muito posterior e diferente, mas originado nele, num outro momento do desenvolvimento do “projeto iluminista”, do progresso, do sonho do futuro, da esperança daquele momento que, no entanto, longe de confirmar sua plenitude, revela a angústia existencial. Remete, por outro lado, no aspecto aqui focalizado, ao Ulisses de Joyce, que por sua vez retoma o Ulisses Grego, às “Naus”, de Lobo Antunes, à “Máquina do Mundo”, de Drummond, entre outros.

Nesta interrelação entre a objetividade do que foi (do que temos notícias) e do que é (vivência e criação) para o sujeito poético, com suas emoções, sua imaginação e sua memória, bem como as deformações propiciadas por elas, pela ilusão de óptica, pela noite, entre outras coisas, instaura-se um diálogo onde um outro espaço-tempo se insinua, ainda que sem forma acabada, com características simultaneamente semelhantes e diferentes.

Nossa comunicação pretende deter-se no exame dessas questões. Para tanto, recorremos a “A Obra Completa de Cesário Verde” (SERRÃO, 2003), que além de ser resultante de décadas de cuidadosa e detalhada pesquisa, traz em notas de rodapé as diversas interpretações dos vários estudiosos do autor e respectiva obra, ao longo dos anos.

Totalidade e Fragmentação

A partir do título, percebemos o movimento que parte do interior do poeta, “o sentimento”, claramente definido pelo artigo “o”, para um espaço geográfico exterior indefinido “dum Ocidental”. Este movimento acompanha os passos do poeta pelas ruas lisboetas, em ritmo lento de passeio, conforme atestam os longos decassílabos e alexandrinos de cada quarteto que compõe o

longo poema de 44 estrofes, distribuídas equanimemente em quatro partes, durante o anoitecer de um dia ao amanhecer do dia seguinte. Colhendo com os sentidos apurados, ao longo do caminho, sensações que o remetem a uma realidade presente e pretérita, e, às vezes, futura, coexistentes no instante da própria criação artística, o sujeito lírico reflete sobre o cotidiano da cidade, já antecipado no título pela conotação “dum Ocidental”, ou seja, de uma pessoa comum do Ocidente, um europeu em seu viver cotidiano numa cidade em transformação, e a angústia existencial disso decorrente. Michel de Certeau, a respeito do ato de caminhar faz a seguinte colocação:

Uma comparação com o ato de falar permite ir mais longe e não se limitar somente à crítica de representações gráficas, visando nos limites da legibilidade, um inacessível além. O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. (CERTEAU, 2001. p.177)

Logo no primeiro verso, o elemento espacial presente em “Nas nossas ruas” situa o sujeito poético no espaço subjetivo e compartilhado da primeira pessoa do plural “nós” e o relaciona ao elemento temporal “ao anoitecer”, ou seja, à hora imprecisa da claridade do dia que se despede, cedendo vez à obscuridade da noite que se aproxima e compromete a percepção clara das coisas que o cercam, como “as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia”. A correspondência disso nos pensamentos e sentimentos do sujeito poético é a atmosfera soturna e o estado de melancolia: “há tal soturnidade, há tal melancolia”.

O espaço da cidade percorrido pelo sujeito lírico vai sendo definido a partir da rua e acolhe simultaneamente o tempo presente e passado. Assim se sucedem becos, boqueirões, subidas e descidas, calçadas e escadas, edifícios e demolições, monumentos, o cais, o rio. Em cada lugar, um acontecer. Tudo é movimento aos sentidos do sujeito observador: as pessoas, os transportes, os fazeres, o ruído/silêncio, a opacidade/luminosidade, como sugerem as imagens: dos “querubins do lar” às “impuras”; do “carro de aluguer” a “via-férrea”, de “um forjador maneja um malho, rubramente,” a “um cheiro salutar e honesto a pão no forno”, de “um tinir de louças e talheres” a “um parafuso cai nas lajes, às escuras”. Quase tudo também é movimento na memória do sujeito lírico. Exemplo: “partem patrulhas de cavalaria”, “Luta Camões no sul, salvando um livro a nado!”

O “Tejo”, rio de Lisboa, símbolo dos grandes descobrimentos marítimos de Portugal do Século XV e XVI, no presente do sujeito lírico é rebaixado a um rio viscoso, em cujo cais se atracam botes e embarcações estrangeiras “um couraçado inglês” e “fragatas”, conotando a miséria da cidade e o conseqüente sofrimento humano nos bairros pobres: “e apinham-se num bairro aonde miam gatas/e o peixe podre gera focos de infecção!” O mesmo espaço que determinou os heróis do passado em suas soberbas naus e crônicas navais, na história e na literatura, determina outro tipo de heróis no presente: os sobreviventes às desigualdades sociais, os que resistem herculeamente ao cotidiano difícil e implacável. Por exemplo, as varinas, cujos “troncos varonis recordam-me pilastras”; e “Descalças! Nas descargas de carvão, / Desde manhã à noite”, e “embalam nas canastras/Os filhos que depois naufragam nas tormentas”, tormentas da vida lisboeta, daqueles que vivem “emparedados, sem árvores, no vale escuro das muralhas!” Ao longo do poema, os lugares de trabalho, as profissões identificam as pessoas, que perdem deste modo a individualização. Não há nomes de ruas e são escassos os nomes que identificam edifícios: “a velha Sé”, o “Aljube”. O sujeito poético recria pelo cotidiano a totalidade da cidade fragmentada.

Em carta a Silva Pinto dizia Cesário que seu desejo é aliar ao lirismo a idéia de justiça. “Eu não sou como muitos que estão no meio de um grande ajuntamento e completamente isolados e abstractos. A mim o que me rodeia é o que me preocupa.”. (ANTÔNIO, 2002. p. 264). O sujeito lírico expressa a preocupação e a tristeza nos versos que anunciam a noite: “E eu desconfio até de um aneurisma, tão mórbido me sinto ao acender das luzes;” e “Chora-me o coração que se enche e que se abisma.”, na parte II do poema. A análise do cotidiano nos permite conhecer e reviver poeticamente a época de Cesário, ou seja, o oitocentismo português, início da metropolização de

Lisboa, período de grandes contradições existenciais derivadas do novo modo de produção e meio técnico para modernização da vida urbana e suas conseqüências sócio-espaciais. De 1864 a 1890, a população lisboeta passou de 163 763 para 391 206 habitantes (SERRÃO, 1980-I, p.140), ou seja, o número dos seus habitantes duplica, e a capital vai adquirindo características de cidade “civilizada”, no contexto da época, ou seja, das grandes cidades européias industrializadas suas contemporâneas Madri, Paris, Berlim, S. Petersburgo. Joel Serrão, acerca desse período, coloca:

Aí se processa um fenômeno complexo que não só é demográfico mas também, e essencialmente, econômico, social, técnico o que, por seu turno, implica transformações culturais e psicológicas da mais variada gama. (SERRÃO, 1980-I, p. 140).

Na primeira parte do poema: “O céu parece baixo e de neblina, /O gás extravasado enjoa-nos, perturba; /E os edifícios, com as chaminés, a turba/Toldam-se duma cor monótona e londrina.” conota a sensação de opressão e invisibilidade do ambiente e a conseqüente angústia por falta de perspectiva para o futuro. Na nona estrofe da segunda parte do poema, a exclamação “Triste cidade!” reforça o desalento do sujeito lírico, que busca, em vão, esquivar-se da sensação opressiva: “E saio.” que inicia a terceira parte do poema, mas a sensação permanece: “A noite pesa, esmaga.”. E mais adiante, “Mas tudo cansa!”, resulta na consciência do estado alheio e do próprio: “Dó da miséria!... Compaixão de mim!...” No início da quarta parte, “O teto fundo de oxigênio, de ar, /Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras; /Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras, /Enleva-me a quimera azul de transmigrar.” repete-se a constatação da opressão e o desejo de busca de novos horizontes que prosseguem ritmados até o final do poema.

À medida que percorre as ruas de Lisboa, o sujeito observador recompõe os elementos espaciais fragmentados, em permanente contraposição: “Inflama-se um palácio em face de um casebre” (parte II) e “Tornam-se mausoléus as armações fulgentes” (parte III). Deste modo, mais que quadros numa exposição ou aquarelas que vão se compondo com as cores da imaginação, em várias camadas ao longo do poema, a complexidade dinâmica do território vivido vai sendo poetizada à medida que o percurso a passos perdidos vai criando um novo espaço.

Cotidiano e Lugar

Se por um lado, o sujeito lírico projeta sua angústia no espaço exterior (ruas da cidade) revelando o estado interior em que se encontra “Chora-me o coração que se enche e que se abisma”, indicando, não o *voyeurismo* baudelariano descompromissado com o outro, mas a tristeza à beira-mágoa de quem partilha da dor humana, tema que dentre outros poetas posteriores, encontrará ressonância em Florbela Espanca e Fernando Pessoa; por outro lado, o sujeito observador vai registrando o cotidiano nos lugares e ressignificando mitos no tempo: “As burguesinhas do Catolicismo/Resvalam pelo chão minado pelos canos;”, no dia-a-dia; e “Ah! Como a raça ruiva do porvir,”, ou seja, do destino grandioso dos filhos das ninfas e dos navegadores, elevados a heróis, prenunciado por Tétis conforme episódio da Ilha dos Amores, de “Os Lusíadas”, não como gênese, mas como prospecção.

A sensibilidade estética de Cesário alinha-se à sensibilidade social do cotidiano, nos lugares: os mestres carpinteiros, os calafates, os lojistas, as varinas, dentre outros, adquirem os matizes da exploração da força de trabalho e os tons da denúncia do excesso de trabalho: “Semelham-se a gaiolas, com viveiros, /As edificações somente emadeiradas: Como morcegos, ao cair das badaladas, /Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros”. Imagens que conotam excesso de trabalho, mesmo após o sol se pôr. E é esse sentimento coletivo que provoca a tristeza urbana do sujeito lírico, um ocidental sensível aos acontecimentos que o rodeiam, enquanto percorre a pé as ruas de sua cidade. As palavras de Georges Perec: “Viver é passar de um espaço a

um outro,” (PEREC, 1974. p.15) bem se aplicam ao percurso do sujeito lírico e às sinestésias espaço-temporais do anoitecer ao amanhecer, do poema em questão. Como antenas os sentidos captam a realidade que é transformada em poesia.

Em Lisboa do século XIX, o drama da metropolização, que embora acene com o progresso, como modo de liberação do homem do trabalho bruto para dedicação ao trabalho intelectual, provoca o rebaixamento do homem a tarefas mecanizadas; no mundo de hoje, o drama da globalização, a perda da relação com o todo pela fragmentação do modo de produção, intensifica a desumanização em função do abuso do meio técnico, fragmentando as relações humanas. Sobre o realismo de Cesário, afirma Leyla Perrone-Moisés:

O realismo de Cesário é um “sentimento” do real que não tem a subjetividade do poeta como fim, mas apenas como meio de captar esse real. Esse realismo resulta da entrega total do poeta à realidade circundante, como uma antena ultra-receptora, e não como um ego que nela se projeta com vistas a exprimir-se. (PERRONE-MOISÉS, 2005. p.12)

A coexistência da realidade vivida e a realidade observada pelo sujeito poético dão profundidade à obra pelos diferentes acontecimentos dos lugares. O realismo lírico de Cesário longe de ser meramente enumerativo e descritivo, comove por ser circundante e complexo, prenhe de múltiplas conotações. Os elementos do espaço no presente do sujeito poético representam a arena de luta pela sobrevivência, o acúmulo de trabalho. Por exemplo: “E mais: as costureiras, as floristas/Descem dos *magasins*, causam-me sobressaltos; /Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos/E muitas delas são comparsas ou coristas.”; e representam palco de conquistas no tempo histórico e literário: “Mas num recinto público e vulgar, /Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras, /Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras, /Um épico doutro ascende, num pilar.”

Submerso no clima de opressão da metrópole periférica, (Lisboa do século XIX), uma cidade de pequenos burgueses, comerciantes, operários, ainda dependente da produção rural, que ingressa penosamente na era industrial, conforme os versos a seguir: “O céu parece baixo e de neblina, / o gás extravasado enoja-nos, perturba; / E os edifícios, com as chaminés, e a turba/Toldam-se duma cor monótona e londrina”, sujeito lírico procura sair da dor em que se encontra. Essa tentativa se expressa na alternância, a cada duas estrofes de opressão o sujeito-lírico vem à tona em imagens de busca por outra situação clarificada por palavras animadoras: “Batem os carros de aluguer, ao fundo, /levando à via-férrea os que se vão. Felizes! /Ocorrem-me em revista, exposições, países: /Madri, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!” Um respiro e logo retorna ao cotidiano entristecido da cidade que se desumaniza pelo abuso da técnica, do trabalho, das instituições: “Vazam-se os arsenais e as oficinas;” embora de todo não se renda, resistindo: “E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras, /Correndo com firmeza, assomam as varinas.”

Longe de um lirismo fotográfico e frio, o sujeito poético, atraído pela cidade é sensível às suas diversas pulsações, emociona-se ante o cotidiano e assume tons de denúncia: “a nódoa negra e fúnebre do clero” a lembrar os terrores da inquisição; ou acusa um cinismo ante a ironia da vida: “Pede-me sempre esmola um homenzinho idoso, / Meu professor nas aulas de Latim!”. Lisboa do século XIX é trazida aos olhos do leitor de “O Sentimento dum Ocidental” em toda sua complexidade dinâmica, matizes realistas e profundidade histórico-emocional pelo sujeito lírico em contínuo diálogo com o sujeito observador, a partir das relações espaço-temporais. Comove-nos por isso e amplia a nossa compreensão de mundo passado e presente, possibilitando, por suas múltiplas releituras, lançar novas luzes ao futuro.

Se elementos espaciais como água (rio e mar), fogo (forja, malho, pão quente, raça ruiva), terra (terremoto, ruas, lajes, arruamentos) e ar (gás, cheiro, calor, oxigênio), entre outros, permitem-nos interpretar no espaço poético de Cesário, as funções de habitar, trabalhar, recrear e circular, em “O Sentimento dum Ocidental”, interação com esse espaço, em relações de claro-

escuro (anoitecer ao amanhecer, luz natural, iluminação artificial), horizontalidade e verticalidades (céu, abismo, outros países, subida /descidas, alto /baixo), revelando uma cidade em transformação e, sobretudo, enuncia os extremos das desigualdades sócio-espaciais. Se por um lado, o herói épico do passado era o nobre ou burguês que empreendia conquistas marítimas para Portugal, no poema em questão este herói vive no cotidiano sua epopéia de sobrevivência. A leitura do poema proporciona ao leitor uma “viagem” pelas ruas de Lisboa em seus fazeres e saberes cotidianos para além do espaço visível, ou seja, dá a perceber os lugares, no percurso que busca novo horizonte.

Território vivido

A cidade em transformação é acompanhada pelo movimento do sujeito lírico no espaço: “E eu sigo, como as linhas de uma pauta/a dupla correnteza augusta das fachadas;”, criando sempre novos ritmos e contrapontos, o que insere um corte transversal no tempo. No que tange à escrita e à criação, também se percebe o movimento: “E eu, de luneta de uma lente só, /Eu acho sempre assunto a quadros revoltados.”, que busca na composição dos versos uma saída da situação de angústia em que se encontra, provocando no leitor um deslocamento espaço-temporal.

Ao tratar o espaço da cidade como uma totalidade em movimento, o sujeito lírico nos permite uma abordagem miltoniana do espaço geográfico representado no poema, como território vivido, ou seja, território praticado. Por este prisma, o texto pode ser compreendido como o território usado, como paisagem e como lugar. Para servir de fundamento a essa leitura, vali-me da obra do geógrafo brasileiro Milton Santos, “A Natureza do Espaço”.

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas – tornadas assim formas-conteúdo – podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço. (SANTOS, 1999, p.86)

Para Milton Santos o espaço é instância da existência. Tudo existe no espaço. Embora Cesário localize em Lisboa o espaço de seu poema, a cidade adquire conotação universal pelo tratamento lírico a ela destinado desde o título: “O Sentimento dum Ocidental”, ou seja, a manifestação subjetiva de uma pessoa qualquer. Neste espaço, que no presente do sujeito lírico é a cidade de Lisboa, lê-se um conjunto de objetos e de ações, que, no tempo, remontam à memória, ao passado histórico e ao futuro. Deste modo, podemos dizer que o poeta trabalha em seus versos toda a complexidade dinâmica do território usado, do espaço geográfico como “um conjunto indissociável de sistema de ações e sistema de objetos.” (SANTOS, 1999. p.267).

A paisagem é um elemento do espaço, é a materialidade visível: “conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.” (SANTOS, 1999. p.83). No caso de “O Sentimento dum Ocidental” o olhar panorâmico do sujeito lírico divisa a paisagem à distância, e em relação ao foco, ao que é próximo. São exemplos disso: uma imensa catedral de círios laterais, vista à perspectiva da rua iluminada, a céu aberto; e o ventre das tabernas, rés aos passos pelas ruas.

O lugar é o espaço do acontecer solidário. É no lugar que acontece o cotidiano. Em “O Sentimento dum Ocidental”, o cotidiano se dá nas ruas, quadras, bairros que compõem a cidade percorrida pelo sujeito poético: “E de uma padaria exala-se, inda quente, /Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.” Durante seu percurso aleatório pelas ruas de Lisboa, ao perceber os variados lugares, espaços do acontecer solidário, “cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (idem, p 252), o sujeito poético vai criando um novo espaço simultâneo: o do caminhar e o da escritura. Vista como um todo, a cidade é confinamento e opressão: “mas se vivemos, os emparedados,”, o caminhar e a escritura são meios de sair, de se livrar da opressão, buscando novos horizontes.

Em seus versos, a partir do diálogo que o leitor estabelece com o texto, há o espaço da enunciação, tornando visível o que no poema é invisível: a angústia existencial e as desigualdades socioespaciais. A angústia proveniente do não-saber do futuro, que embora já se apresente como promessa de progresso na Europa do século XIX, vive ainda a opacidade, a incerteza da sua concretização em Portugal. Escrever é um modo de libertar-se: “E em que medito um livro que exacerbe/Quisera que o real e a análise mo dessem,”. As desigualdades socioespaciais tornam-se visíveis pelas contraposições que tecem o texto. Por exemplo, a questão do dentro e do fora: “As freiras que os jejuns matavam de histerismo” e “Nos passeios de lajedo arrastam-se as impuras.”

À semelhança do processo de metropolização oitocentista em cidades européias periféricas do então chamado mundo moderno, industrializado, como Londres e Paris, vivemos, hoje, de modo intensificado pelo desenvolvimento tecnológico informacional, a angústia existencial e as consequências funestas das desigualdades socioespaciais, como a violência e a fome no mundo, que bem merecem uma reflexão aprofundada ao longo desse estudo que ora principia. Vivemos, hoje, segundo Milton Santos, o final do que ele define como Período Técnico Científico Informacional da História o qual, em suas palavras “começa praticamente após a segunda guerra mundial e, sua afirmação, incluindo os países de terceiro mundo, vai realmente dar-se nos anos 70” (SANTOS, 1999. p.190), pela união entre técnica e ciência sob a égide do mercado global. Entretanto, já se vislumbra a emergência de um novo período definido por ele como o Período Popular da História, onde e quando os acontecimentos solidários do lugar, determinam as novas relações sócio-espaciais: “Então o feitiço se volta contra o feitiço. O consumo imaginado, mas não atendido – essa carência fundamental no dizer de Sartre -, produz um desconforto”, (SANTOS, 1999, p.261) e demanda nova consciência a partir das possibilidades percebidas no lugar.

Cesário Verde, poeta português do século XIX, em “O Sentimento dum Ocidental”, publicado no “Jornal de Viagens”, Edição Especial: Portugal a Camões Porto, (Porto/1880), trata dessas questões, antecipando, assim, uma problemática que não só afligia ocidentais de seu tempo, como alcançaria proporções mundiais com a chamada globalização do final de século XX e início do XXI. Ao enviar o poema para o jornal do Porto, acompanhou-o de uma carta, que dizia o seguinte: “[...] mas julgo que fiz notar menos mal o estado presente desta grande Lisboa, que em relação ao seu glorioso passado, parece um cadáver de cidade.” (ANTONIO. 2002, p.266).

Do diálogo entre sujeito observador e sujeito lírico rastros e marcas vão sendo unidos por traços e um novo espaço vai se constituindo, seja o dos passos (caminhar), seja o das palavras (texto), cabendo, em última instância, ao leitor estabelecer o diálogo que complete e atualize a obra. Ao que tudo indica, parece que o “O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde, permite esse diálogo com o mundo do presente, pela verdade emocional, natureza dos conflitos e sentido de busca incessante que comporta e provoca, conforme se lê nos versos finais do poema: “A Dor humana busca novos horizontes/e tem marés de fel como em sinistro mar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, Jorge Luiz. **Cores, Forma, Luz, Movimento: A Poesia de Cesário Verde**. São Paulo: Musa Editora. FAPESP, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

PERERC, Georges. **Espèces d’Espaces**. Paris: Galilée, 1974.

RERRONE-MOISÉS, Leyla. **Cesário Verde**. Melhores poemas. Seleção de. São Paulo: Global Editora, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SERRÃO, Joel. **Obra Completa de Cesário Verde**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

SERRÃO, Joel. **Temas Oitocentistas – I**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

Sônia Maria de Araújo CINTRA, Mestranda
FFLCH – USP – Departamento de Literatura Portuguesa
sonia.cintra@terra.com.br